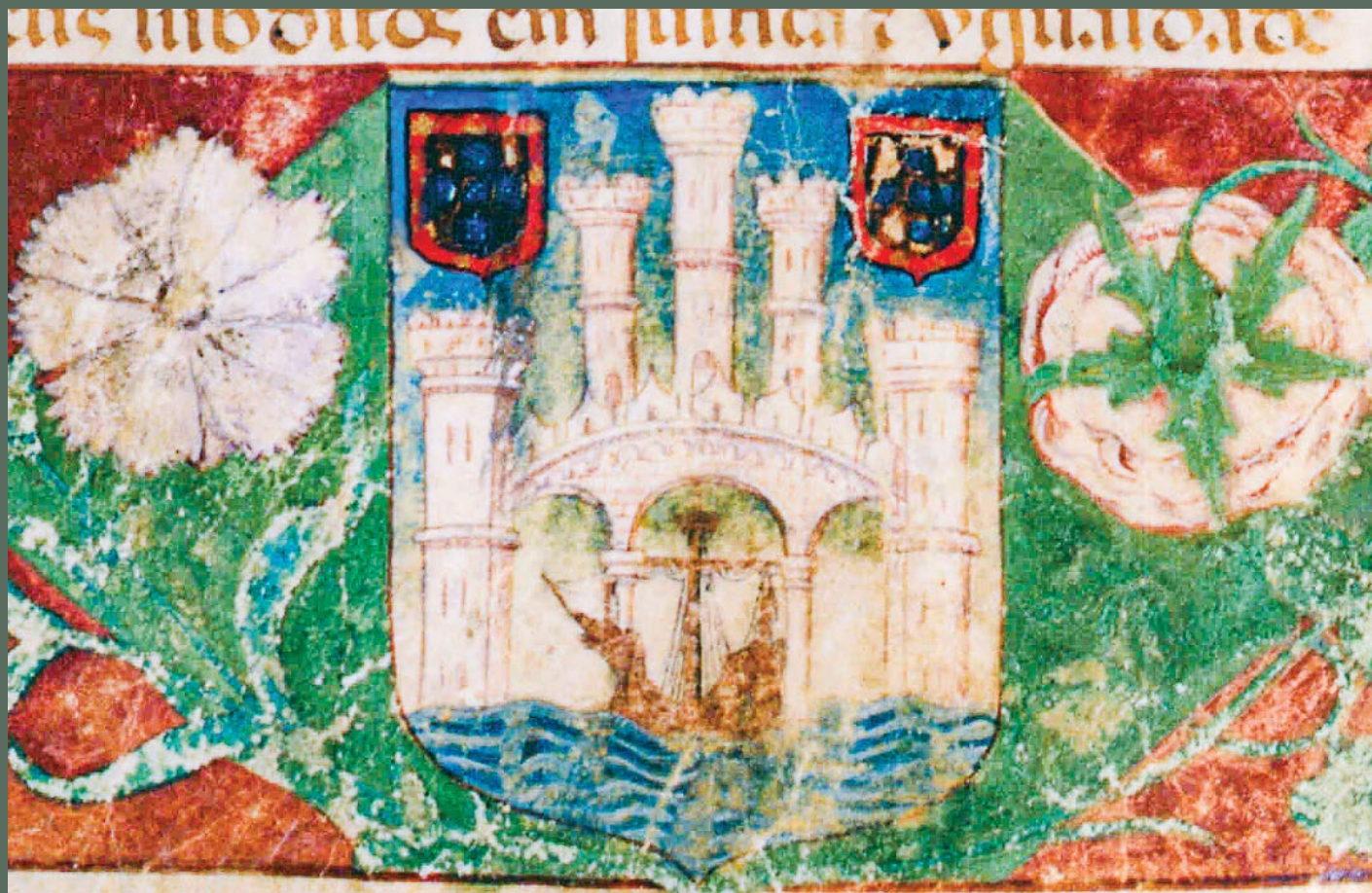


A história atravessa o rio: a ponte antiga de Tavira (e outras travessias)

Daniel Santana

Historiador de Arte/Museu Municipal de Tavira



Escudo de Tavira. Pormenor da folha de rosto do Foral Novo de Tavira (1504). ANTT, Gavetas, Gav.23, mc. 2, n.º 2

PREÂMBULO

Tavira tem de tudo. Tem uma história longa que inclui ruínas fenícias, um castelo elevado e telhados inclinados. Tem ruas antigas e bastantes igrejas – mais do que qualquer outra cidade algarvia –, traços arquitetónicos característicos e lendas de mouras encantadas. Se há cidade no Algarve com excepcional atratividade é Tavira. No entanto, de olhos no rio que a corta ao meio, poucas coisas a representam melhor que a distinta silhueta da sua ponte antiga, por muitos reconhecida como ex-líbris da cidade. Juntamente com o rio e o castelo, a ponte é a chave para a compreensão de Tavira, dominando inclusive a heráldica e a simbologia local ao longo dos tempos.

Ponte antiga sobre o rio
Gilão (CMT)





UMA PONTE COM ORIGENS NA BRUMA...

Em Tavira existe a crença generalizada de que a ponte antiga foi erigida pelos romanos, muito embora não se conheça nenhuma fonte histórica que o confirme. A crença é compreensível. Não existe povoação em Portugal que não queira ostentar orgulhosa a sua ponte romana. Pode não ser genuinamente romana, contudo a tradição assim o exige: é uma forma de dignificar o passado desse aglomerado e, simultaneamente, uma prova de civilização. A herança romana mede-se pelo mito e por vezes classificam-se como "romanas" pontes com apenas alguns séculos.

Ou seja, apesar da tradição lendária que atribui a ponte de Tavira aos romanos, a mesma poderá ter nascido muito anos depois. O que se sabe é que já aqui existia uma ponte no século XIII, quando a povoação foi conquistada aos mouros. Di-lo o texto medieval da Crónica da Conquista do Algarve. A construção poderá situar-se no século XII, após os muçulmanos consolidarem a sua presença na localidade. Terá sido precedida pela construção do castelo, talvez em finais do século X ou inícios do XI, obra destinada a proteger o vau do rio antes da construção do tabuleiro. Depois de fortificado o núcleo da povoação em torno da colina de Santa Maria, o passo seguinte seria o investimento numa rápida travessia para a margem esquerda, já então habitada¹.

Apenas podemos especular acerca das origens da primitiva ponte, no entanto, não restam dúvidas que o investimento na sua construção se revelará verdadeiramente rentável. Desde o início até ao século XX, a ponte antiga é a única na cidade a cruzar o rio. O tráfego entre margens é estimulado e Tavira floresce naturalmente em seu torno.

Em 1577, Frei João de São José constata que Tavira *tem sua ponte por onde os moradores se comunicam sem enfadamento*. É através da ponte que as relações entre as duas margens mantêm-se íntimas e equilibradas. O fenómeno é digno de destaque e quem o comenta é Orlando Ribeiro: "Tavira é a única cidade portuguesa que, nascida no passo de um rio, se estendeu por ambas as margens sem quebra de unidade"². Pelo contrário, no resto do país são inúmeros os exemplos de subúrbios do outro lado do rio: Barcelos e Barcelinhos, Porto e Vila Nova de Gaia, Coimbra e Santa Clara, Lisboa e a Outra Banda...

UM RIO COM DOIS NOMES

Entre a ponte e o rio há uma história de cumplicidade. Trata-se de um rio distinto. Desde logo pela sua ambígua identidade. Quando brota chama-se ribeira da Asseca; depois, ao juntar-se à ribeira de Alportel, torna-se rio e ganha o nome de Séqua, correndo de forma serpentina até chegar a Tavira; aqui ganha beleza e fama, gerando também um fenómeno inusitado que carece de explicação cabal. Cruzando a ponte, o curso de água passa a chamar-se Gilão, até desaguar na ria Formosa. Como explicar o fenómeno?

À falta de melhor esclarecimento surge o amparo da lenda (há sempre uma lenda pelo meio). Resume-se em poucas pa-

¹ No decurso do século X, muito possivelmente, surge na margem esquerda do Gilão a alcaria Gilah, cujo topónimo parece derivar do mesmo radical que o hidrónimo: o antropónimo romano, IVLIANVS. Manuel MAIA, "Muralha islâmica e portuguesa", in *Roteiro do Património Arquitectónico Militar de Tavira*, Câmara Municipal de Tavira, 2005, p. 12.

² Orlando RIBEIRO, "Açoteias de Olhão e telhados de Tavira", in *Geografia e Civilização - Temas Portugueses*, 3.ª edição, Livros Horizonte, 1992, p. 94.

lavras. Um cavaleiro cristão chamado Gilão, uma princesa moura chamada Séqua e a história de um amor proibido. Surpreendidos em cima da ponte pelas duas forças inimigas, e pressupondo a acusação de traição, os amantes decidem dramaticamente por termo às suas vidas. Séqua atirou-se para um dos lados da ponte (a montante) e o cavaleiro Gilão atirou-se para o outro lado (a jusante). Ainda hoje vagueiam no rio, segundo a ficção. Assim se explica que um mesmo rio tenha dois nomes: Séqua do lado da nascente do rio e Gilão do lado da foz. *Gilão e Séqua são afinal as mesmas águas, e Tavira... o fruto do seu amor*³.

EM DEFESA DA PONTE

A extraordinária importância da ponte, como ligação entre a zona oriental e a zona ocidental do território de Tavira, permitindo a passagem sobre o rio, desde logo lhe conferiu elevado valor estratégico. Essa particularidade é assinalada pelas estruturas defensivas que pontuavam as entradas da ponte, em ambas as margens.

Na saída ocidental erguia-se altaneira a *Torre do Mar*, de origem mourisca. Tinha planta octogonal e funcionava como torre albarrã integrando, de forma saliente, a cintura muralhada que defendia a colina de Santa Maria. Junto à torre, cujo nome indica a proximidade ao porto de mar, abria-se uma porta que ligava a ponte à Ribeira de Tavira.

Erguer-se-á em 1763, também encostado à torre, o edifício da *Principal*, assim nomeado por acolher a guarda principal da cidade. Serve ainda de calabouço militar e de paiol de pólvora da guarnição. Quer a *Principal*, quer a *Torre do Mar*, que em meados do século XV será residência de Vasco Anes

Corte Real, armador-mor, constituem marcos arquitetónicos de grande notoriedade até à segunda metade do século XIX. A *Principal* é destruída a partir de 1870 e a torre dezasseis anos depois com o pretexto de tornar o espaço mais desafogado e dar lugar a um Passeio Público que, ironicamente, não chegará a ocupar aquele local. Lamentavelmente, o aspeto daqueles monumentos tão significativos apenas pode ser hoje apreciado através de fotografias antigas.

Uma outra torre faria par com a Torre do Mar no lado oposto da ponte. Sobre essa estamos menos informados. De acordo com Carvalho da Costa, na cidade havia *uma formosa ponte de sete arcos com suas torres*⁴. A representação da segunda é insinuada na planta seiscentista de Tavira de Leonardo di Ferrari (baseada num desenho quinhentista). Por outro lado, uma conhecida gravura que representa a cidade no século XVII sugere que essa segunda torre estaria erguida sobre um poderoso maciço central que existia, sensivelmente, a meio da ponte. Henrique Fernandes Sarrão informa-nos, em 1600, que *na ponte há casas, em que vivem moradores*. A ser assim, o que a gravura nos revela será o que restava dessa antiga estrutura militar medieval, aparentemente já destituída de residentes e das suas partes altas no século XVII.

Apesar de todas as preocupações defensivas, não há memória de operação militar que tenha ameaçado a integridade da ponte. Esta chega a ser palco de contendas no tempo da crise

³ “Lenda do Gilão e da Séqua” in My Choice. <https://mychoice.pt/blog-artigo/18/lenda-do-gilao-e-da-sequa> [2 de julho de 2021].

⁴António Carvalho da COSTA, *Corografia Portuguesa...*, tomo III, 1712, p. 8 apud Marco Sousa SANTOS, “A Torre do Mar – origem, funções e inserção na cidade quinhentista”, in AAVV, *A Principal do Reino do Algarve. Tavira nos Séculos XV e XVI*, s.l., Câmara Municipal de Tavira, 2020, p. 218.



TAVIRA - Castelo e Principal (demolidos em 1888)



Aspeto da Torre do Mar e edifício da Principal (postal)



Pormenor da planta da cidade de Tavira, Leonardo di Ferrari, 1655. Atlas de Haliche. The Military Archives of Sweden, Handritade kartverk 25011

Gravura de Tavira seiscentista, publicada no jornal O Panorama, 1843



dinástica que afeta Portugal após o reinado de D. Fernando I, entre 1383 e 1385. É sobre o tabuleiro que um tal de Gonçalo Mendonça, de Faro, com outros moradores da mesma vila defensores da causa do Mestre de Avis, se digladiava com os partidários do rei de Castela, vencendo-os. O facto é hoje assinalado num pequeno painel de azulejos situado à entrada da ponte.

Mais tarde, a importância deste equipamento no contexto da Guerra da Restauração (1640-1668) será determinante para a sua reconstrução, conforme veremos.

INTEMPÉRIES MAGOAM A PONTE... RENOVANDO-A.

Muito aguentou a ponte em cerca de 800 anos de existência. Por vezes, o Gilão torna-se severo e suficientemente capaz de a magoar, especialmente quando aliado à erosão dos materiais. Aconteceu ocasionalmente ao longo de séculos.

Em 1655, por exemplo, a ponte sofre uma derrocada que a torna intransitável a partir de um dos arcos do lado sul. A empreitada de reconstrução que se segue será um dos momentos mais marcantes da história do monumento, outorgando-lhe as formas que, em grande medida, ainda hoje apresenta. O *status* de alguns intervenientes na obra, designados pela corte, bem como a rapidez com que se promoveu a empreitada, de algum modo confirma o valor estratégico do vetusto tabuleiro; valor particularmente inflamado no contexto da Guerra da Restauração (1640-1668), que neste período opõe as coroas de Portugal e Castela, justificando todas as medidas que pudessem acumular vantagens operacionais, designadamente, em termos de mobilidade.

Da corte são enviados Mateus do Couto e Pedro de Santa Colomba, nomes sonantes da arquitetura militar portuguesa, incumbidos de riscar o desenho na “nova” ponte. O primeiro é o Mestre da Aula da Arquitetura do Paço de Lisboa, arquiteto das ordens militares e do Santo Ofício (falecido c. de 1664); e o segundo é um dos vários engenheiros franceses que se estabelecem em Portugal, a fim de superintenderem à obra de novas fortificações, ou ao restauro das existentes, no decurso da Guerra da Restauração.

Apesar dos poucos recursos económicos do reino, em consequência da guerra, congregam-se as entidades oficiais e o povo da cidade para garantir a reconstrução. Cabe à Câmara e ao povo de Tavira angariar a mão-de-obra necessária e assegurar o financiamento. Uma primeira arrematação da obra a António Gonçalves, mestre pedreiro morador em Tavira, sai frustrada, talvez pela impreparação deste perante a dificuldade do empreendimento. Para contornar a contrariedade são recrutados três experientes mestres pedreiros em Lisboa, por volta de junho de 1655, aos quais se adjudica a obra pela avultada quantia de 8.500 cruzados⁵.

A pedra para a obra é arrancada numa pedreira local situada “um tiro de besta” a montante, havendo também recurso a pedra retirada das muralhas, particularmente, para entulhar os pegos do rio que perigavam a estrutura. Mateus do Couto opta pela supressão dos vestígios de fortificação medieval que ainda pudessem existir na ponte. No lugar do grande maciço central, constrói um arco, dotando o monumento dos sete que ainda hoje mantém⁶.



Ponte antiga sobre o rio Gilão (CMT)

Cheia em Tavira (1989)



Na empreitada é evidente a preocupação com o reforço estrutural e com a relação com eventuais novas enchentes. Nesse sentido, os cinco primeiros arcos que ligam a ponte à margem direita são intercalados por grandes e angulosos talha-mares que funcionam como verdadeiros contrafortes. Superiormente, sobre estes, abrem-se parapeitos murados, quadrangulares, delimitando áreas de defesa ou de repouso. Os trabalhos duram até 1657. Só então, parafraseando Frei João de São José, Tavira volta a unir-se sem *enfadamento*. Os séculos seguintes sucedem-se sem grandes reparações ou

⁵ Cf. Arnaldo ANICA, *Tavira e o Seu Termo. Memorando Histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 302.

⁶ Cf. Idem, *ibidem*, p. 300; e Paulo Almeida FERNANDES, “Ponte antiga sobre o rio Gilão. Nota histórico-artística”, in *Património Cultural. Direção-Geral do Património Cultural*. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio- imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de- classificacao/geral/view/75046/> [4 de julho de 2021].

reformas, não havendo mais que notícias de pontuais trabalhos de manutenção. Na viragem para o século XX, a ponte passa a acomodar o trânsito automóvel, o que sem dúvida aumenta o peso e as obrigações a assumir por este histórico monumento.

Este cede, finalmente, a 3 de dezembro de 1989, após muitas horas de chuva ininterrupta. Em consequência do temporal e de uma cheia medonha, a ponte sofre graves danos sob o olhar impotente dos tavirenses. Um dos talha-mares fica praticamente destruído e dois arcos muito danificados. Desde logo o tabuleiro é encerrado ao trânsito, incluindo o de peões. Durante cinco dias o Séqua-Gilão mais parece uma fronteira entre dois países diferentes. Depois, o Exército coloca um pontão sobre os velhos arcos destruídos e a Junta Autónoma de Estradas providencia a montagem de uma ponte provisória para ligar o jardim público ao Largo da Caracolinha. Seguem-se as obras de restauro que duram até inícios de 1993.

Após o susto, sensatamente, a ponte é consagrada apenas para pedestres. São inúmeros os que a atravessam todos os dias, incluindo os milhares de turistas que anualmente visitam Tavira.

UMA PONTE PRIMOROSA SE ETERNIZA

A ponte antiga é um ícone de Tavira. Durante séculos foi a única via pedestre a atravessar o Gilão. É também das poucas pontes centenárias do Algarve que se mantêm de pé e em uso. Residentes, viajantes, literatos, poetas ou investigadores, são muitos os que aqui param sem ficar indiferentes à vetusta ponte, tecendo-lhe, ao longo dos tempos, elogiosas referências. Diz-nos o já mencionado frade humanista Frei João de São José, na sua Corografia do Reino do Algarve (1577): *Está di-*

vidida esta cidade em duas partes, como Roma ou Sevilha, e passa-lhe um braço de mar pelo meio (...) o qual lhe dá muita graça e frescura, e tem a sua ponte por onde os moradores se comunicam sem enfadamento.

Frei Agostinho de Santa Maria, autor do Santuário Maria-no (1716), referindo-se à cidade do Gilão: *...divide-a um rio que a faz deliciosa e alegre, com uma grande e formosa ponte torreada.*

O Padre Francisco do Nascimento Oliveira, no seu *Coro das Musas* (1792):

Tavira, (d'antes Balsa) finaliza

As cidades do nosso Portugal,

O Sequa diminuto fertilisa

Seus campos: e faz porto principal.

Na ponte primorosa se eterniza

O nome de quem foi, por nosso mal,

Nos campos tingitanos eclipsar

As glórias, que outros foram lá ganhar

João Baptista da Silva Lopes, autor da célebre Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve (1841): *Está a cidade de Tavira situada em terreno agradável e ameno, cortada pelo rio Gilaon ou Sequa (...) que a divide em duas partes, com huma bella ponte de cantaria de sete arcos, que serve de comunicação entre ambas.*

Ofir Chagas, em Espaço de Tavira (1968): *[A] velha ponte romana é, de todas, aquela que o tavirense mais adora. Não somente por ela representar o principal elo de ligação do separativismo geográfico da [...] terra, mas e sobretudo, por ela constituir o mais antigo índice da longevidade da antiquíssima Balsa.*

OUTRAS TRAVESSIAS

Durante séculos a ponte antiga une, sozinha, as duas margens do Gilão.

Até que, em 1905, um acontecimento de grande importância para a cidade anuncia o fim da solitária existência: a chegada, inédita, do caminho-de-ferro. É então inaugurada a estação de Tavira, onde para o primeiro comboio, a 19 de março, vindo de Portimão. Nesse mesmo ano inicia-se a construção da ponte da Asseca, aberta em 1906, destinada a proporcionar a ligação ferroviária a Vila Real de Santo António.

Volvidos sessenta anos, é concluído o desvio de Tavira, da Estrada Nacional 225. O projeto inclui a uma nova ponte sobre o Séqua-Gilão, pela Asseca. Inaugurada em 1966, esta nova travessia ajudará a aliviar o crescente tráfego rodoviário que pesava sobre a ponte antiga.

Da desgraça que atingiu a cidade e danificou a ponte em 1989, resulta a montagem, já em 1990, de uma rústica mas muito útil ponte provisória, popularmente designada por “ponte militar”. Instala-se no centro da cidade junto ao Mercado da Ribeira. Vem suprir as necessidades de passagem de veículos, utilidade abolida na ponte antiga, por isso, o seu carácter “provisório” dura 30 anos esticados até ao limite, até à sua recente substituição.

Em 1993 termina o restauro da ponte antiga e inaugura-se a *Ponte dos Descobrimentos*, a 19 de agosto, obra em mente desde finais da década de 80, concretizada com o apoio dos bons ventos (e fundos) europeus, junto do Mercado novo e das salinas de Tavira.

A *Ponte de Santiago* é inaugurada a 17 de março de 2004, unindo as margens mais a oriente (liga a rua Chefe António Afonso,

na margem direita, à João Vaz Corte Real, na margem oposta). Por fim, o último capítulo da história das travessias do Gilão é escrito pela jovem ponte que veio substituir a fatigada “ponte provisória” (que ficou por 30 anos). Aberta em 2021, sua história possui ingredientes que, no futuro, com o devido distanciamento, certamente farão a delícia dos historiadores locais.

TAVIRA: Ponte do Caminho de Ferro



Ponte do caminho de ferro
(postal, 1910-20)



Pontes de Tavira (CMT,
2003)



EPÍLOGO

Seja romana ou medieval, a ponte antiga sobre o rio Gilão é, para qualquer tavirense, uma das pontes mais encantadoras do mundo. E, de facto, pelo menos em Portugal, não há muitas outras que a igualem em idade, excelência e qualidade. A ponte é hoje um monumento reconhecido e protegido – classificado como *Imóvel de Interesse Público* desde 1986 (Decreto n.º 1/86, DR, I Série, n.º 2, de 3-01-1986) –, de extrema importância para a memória e identidade locais, para artistas, historiadores, escritores, engenheiros, turistas e muitos outros.

Com um passado de cerca de oitocentos (ou mais) anos, foi durante muitos séculos o único meio dos tavirenses cruzarem o Gilão, equilibrando os pesos sociais e urbanos entre as duas margens. Duas torres a protegiam de todos os golpes, exceto aqueles que o rio e as tempestades raras vezes lhe infligiram. Dessas ocasiões recuperou sempre renovada e revigorada, ganhando a companhia de mais pontes a partir do século XX. Um dos mais reconhecidos ícones de Tavira, a ponte antiga sobre o rio Gilão identifica a cidade em imagens que dão a volta ao mundo, atraindo-lhe milhares de visitantes.